

**MULTILINGUISMO EM PRÁTICAS DE LINGUAGEM
CRIATIVA NO MUSEU DO MARAJÓ-PA**

Nicelêia Muribeca da Cruz (UFT)

leia.muribeca@gmail.com

Maria José de Pinho (UFT)

mjppgon@uft.edu.br

RESUMO

Este trabalho origina-se da pesquisa sobre o multilinguismo presente no acervo permanente do Museu do Marajó e objetiva refletir sobre práticas de linguagem que contribuam para um ensino criativo em língua portuguesa. Por meio da investigação de artefatos interativos, observou-se a ocorrência de questões referentes ao contato e a diversidade linguística inerentes ao território marajoara, constituintes da linguagem amazônica. Para compreensão do fenômeno observado, aplicamos uma abordagem metodológica de cunho exploratório com análise qualitativa dos dados. A literatura selecionada para a discussão dos resultados considerou as perspectivas teóricas sobre linguagem e criatividade. Os dados apontam o museu como um espaço de excelência para as práticas de linguagem. E, mediante o trabalho com esses artefatos, surgem possibilidades para um ensino criativo e crítico da língua portuguesa.

Palavras-chave:

Linguagem. Criatividade. Ensino. Museu do Marajó.

ABSTRACT

This study has emerged from a developed research on multilingualism present in the permanent collection of the Marajó Museum which objectifies a reflection about the language practices that contribute to a creative teaching in Portuguese. Through the investigation of interactive artifacts, we observed the occurrence of questions related to contact and linguistic diversity from the marajoara territory, constituents of the Amazonian language. To understand the observed phenomenon, we applied an exploratory methodological approach with qualitative data analysis. The literature selected for the discussion of the results considered the theoretical view on language and creativity. The results have revealed the museum as a space of excellence for language practices. And, through the work with these artifacts collection as possibilities for a creative and critical teaching of the Portuguese language.

Keywords:

Language. Creativity. Teaching. Marajó Museum.

1. Introdução

Este trabalho origina-se da pesquisa desenvolvida desde o mestrado e continua durante as disciplinas do curso de doutorado da Universi-

dade Federal do Tocantins – PPGL/Araguaína em 2019. Tendo o Museu do Marajó como lócus de trabalho, desejamos trazer uma reflexão sobre o Multilinguismo no Marajó a partir do que fora representado por Giovanni Gallo no acervo permanente do museu. Para isso, abordamos as teorias sobre linguagem e criatividade na perspectiva do ensino, tendo em vista os autores discutidos nas disciplinas de Linguística aplicada (Profa. Dra. Selma Abdalla); Metodologia em estudos interdisciplinares da linguagem (Prof. Dr. Wallace Rodrigues) e Fundamentos da interdisciplinaridade (Profa. Dra. Maria José de Pinho).

Este trabalho investigou o fenômeno por meio de uma abordagem qualitativa, sendo a pesquisa do tipo exploratória. A partir de visitas ao museu foi possível formar um corpus fotográfico, e com auxílio de um diário de campo registrar as observações mais pertinentes.

A estrutura textual do artigo inicia-se com a temática sobre o multilinguismo no Brasil e no Marajó. Em seguida, apresentamos as perspectivas teóricas que dialogam com essa temática, linguagem e criatividade. E a partir dessa discussão, mostrar um caso de multilinguismo aplicado ao museu como possibilidade para um ensino criativo e crítico da língua portuguesa (doravante LP).

2. *Multilinguismo no Brasil, um caso marajoara*

Falar da diversidade linguística no Brasil certamente é um assunto que pode suscitar questionamentos, pois ainda é muito frequente a pseudoideia de que o Brasil é um país monolíngue, por falar a língua de seu colonizador. Resquícios do pensamento estruturalista, no qual o prestígio de uma língua era marcado pela sua condição de homogeneidade, com ínfimas interferências ou até acreditando-se na pureza linguística. Completamente alheia à subjetividade de seus falantes. Para ampliar essas reflexões, este estudo apresenta algumas considerações da situação de multilinguismo no Brasil, baseado no texto de FERRAZ (2007), sobre o Panorama linguístico Brasileiro: A coexistência de línguas minoritárias com o português.

A Sociolinguística estuda as relações entre as línguas em função de fatores sociais, incluindo o resultado dos contatos entre línguas. Evidente que inúmeras variáveis são consideradas na interpretação desses resultados. No entanto, no Brasil, algumas situações de contexto histórico-sociais foram bem marcantes para o cenário multilíngue que encon-

tramos hoje.

Oriundos de um processo migratório, nosso contato linguístico destaca-se pela diversidade de línguas indígenas, a chegada da língua portuguesa, das línguas africanas e das línguas faladas pelos imigrantes. Situações em que a língua oficial, não necessariamente era a língua materna. No caso das línguas indígenas, Ferraz (2007) apresenta um panorama histórico, marcado pela pluralidade linguística, ora existente, passando por uma situação bilíngue entre o português e o tupinambá. É possível compreender como esse contato resultou num processo em que as línguas indígenas, principalmente no aspecto demográfico, ou seja, em relação ao número de falantes, passam da condição de majoritárias à minoritárias.

Dessa forma, podemos perceber que em relação aos indígenas, o contato com a língua portuguesa trouxe uma situação de conflito linguístico, em que o colonizador, visando à hegemonia de seu domínio, exerceu uma opressão, fortemente marcada por violência e até extermínio desses povos.

Sendo necessário instigar esse debate para a atual situação sociolinguística da Amazônia em decorrência da baixa vitalidade e eminente risco de desaparecimento. Apresentamos um exemplo aplicado de estudo sobre o multilinguismo em um museu situado em Cachoeira do Arari, na Ilha do Marajó-PA.

O Museu do Marajó fundado por Giovanni Gallo tornou-se uma referência no fomento da cultura marajoara na Amazônia. Gallo, um italiano nascido em Turim, chegou ao Marajó em 1973, como padre da companhia de Jesus e desenvolveu um trabalho contínuo na descrição e divulgação do cotidiano marajoara, até 2003, ano de sua morte. Um museu regional, cujo acervo iniciou-se com a reunião de objetos, narrativas do povo local, resultados de um trabalho etnográfico desenvolvido por ele. Mas que objetos coletados na Amazônia teriam tanta relevância, ao ponto de tornar este museu, um centro de referência na pesquisa da cultura marajoara? Por serem objetos que revelam o homem marajoara, Gallo (1996) explica que:

A ideia básica é apresentar não o objeto e sim o homem que está atrás do objeto [...] Aqui chega à oportunidade de explicar por que a peça mais importante do nosso Museu é o homem e não o objeto exposto: este não é nada mais do que o elo entre o visitante e a realidade marajoara. (GALLO, 1996, p. 260)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Assim Gallo, acreditava que o museu promoveria um encontro entre o homem marajoara com sua cultura. Analisando cultura, na perspectiva de Burke (2005) como tudo que é representativo de uma sociedade, incluindo artefatos e práticas cotidianas. O museu reúne um acervo que revela essa cultura, por meio de uma história protagonizada e narrada pelos próprios marajoaras.

Uma parte peculiar desse acervo, foi estudada para descrição neste artigo, trata-se dos painéis interativos, chamados por Gallo de computadores de marca caipira. Estes são estruturas em madeira ou compensados que simulam caixas, contendo adivinhações, cujas respostas foram cuidadosamente escondidas. De acordo com Linhares (2007)

Esses jogos interativos mostram-se como a diferença e constituem uma peculiaridade da exposição, visto que não se conhece nenhum acervo nesses moldes na região, podendo mesmo ser considerado de vanguarda, pois a técnica de hands on atualmente é considerada contemporânea ou inovadora, mas já havia sido projetada por Gallo há cerca de trinta anos atrás. (LINHARES, 2007, p. 48)

Consideramos que ir ao museu não deva ser uma visita a realidade cristalizada do conteúdo estudado em sala de aula. Museus são espaços de fluidez da aprendizagem, por meio da linguagem, o visitante atribui significado para essas novas descobertas.

Discutir essa técnica interativa de exposição apoiada na linguagem e na criatividade imbricadas ao ensino são passos primordiais para compreendermos a relação entre o multilinguismo presente nos computadores do museu e o desejável ensino criativo e crítico de LP.

3. *A concepção de Linguagem e criatividade na perspectiva sociocultural*

Para se compreender a relevância da linguagem Fiorin (2008) adverte que “sem ela, o homem não pode conhecer-se nem conhecer o mundo. Sem ela não se exerce a cidadania, porque ela possibilita influenciar e ser influenciado. Sem ela não se pode aprender” (FIORIN, 2008, p. 29). Nessa visão, a Linguística Aplicada, na atualidade, traz reflexões centradas nos usos da linguagem nas práticas sociais. Uma construção social da linguagem que se origina no discurso dialógico de Bakhtin.

Desse modo, alunos que reconheçam a relação existente entre a linguagem e sua prática social estariam propícios à construção de signifi-

cados em seu processo de aprendizagem. Assim, envolto de um posicionamento crítico, o aluno tem conhecimento do que se possa fazer com a linguagem, ou seja, o exercício de uma prática consciente.

Em adição a isso, na perspectiva de língua como código que pressupõe desenvolvimento, uma história entre o individual e o social, ambos interagindo, é necessário considerar o aspecto político, como afirma Pennycook (1998, p. 27), que se o ensino de língua não discute aspectos políticos e culturais ele não proporciona acesso ao poder.

Por isso, essa ausência de políticas linguísticas no Brasil é preocupação de pesquisadores e professores que atuam no ensino de LP. O Grupo de Trabalho intitulado “Estudos Linguísticos na Amazônia Brasileira” (G.T. ELIAB) filiado à Anpoll, contribui com essa discussão, pois,

Preocupam-se com fenômenos relacionados à formação de professores capacitados aos temas e fatores linguísticos e socioculturais peculiares à região amazônica e ao ensino das línguas, contemplando a diversidade e interculturalidade dos povos que vivem nesta região. (SANTOS *et al.* 2019, p.12)

Em vista disso, é necessário termos uma visão ampliada de educação linguística, abarcando o multilinguismo e desbancando o monolingüismo, na proposta de descolonização do ensino de LP. Pois, consideramos que o modelo de escola vigente cumpre um papel de reforçar a hegemonia da língua oficial, por meio do ensino da norma padrão. Não há nenhum problema em fazê-lo, a questão é o modo como se faz. Não são raros os casos em que os alunos em seus primeiros contatos com a variedade padrão, vivem uma situação de conflito linguístico, pois a língua que se fala é uma e a que se deve escrever é outra.

Um ensino crítico da LP reivindicará políticas linguísticas voltadas às línguas minoritárias, uma vez que o conceito de redução da língua atinge aos povos e suas culturas. Enquanto as políticas não chegam, é importante que a escola apresente a situação multilingue no Brasil, e como essa variedade pode ser vista como riqueza capaz de promover inclusão social e não segregação, em detrimento da valorização de uma única variedade, de prestígio.

Encontrar esse caminho no ensino de LP é um desafio que precisa ser enfrentado. Para isso, buscamos um diálogo com a criatividade. Segundo Torre (2005), a criatividade tem sentido quando é tomada como propulsora de transformação naquilo e/ou mesmo naquele em que se faz presente. Nesse viés, quer dizer que o seu intuito é voltar-se para um bem

social, porquanto a criatividade não é um bem para se fechar em si própria, nem mesmo para ser apenas admirada.

Corroborando a ideia de Torre, Wechsler (2012, p. 347, grifos da autora) afirma que a criatividade é “[...] como *um fenômeno multidimensional, envolvendo aspectos cognitivos, afetivos, sociais e culturais*”. Assim sendo, estes aspectos se interagem das mais diferentes maneiras, gerando diversidade nos estilos de pensar e criar”. Também Csikszentmihalyi (2012, p. 346) acredita que, para perceber a criatividade, é preciso “[...] levar em conta as variáveis culturais e sociais [...]”.

Sob esse olhar, Torre (2005, p. 12), defende que “na criatividade não basta saber ou saber fazer; é necessário sentir, emocionar-se, entusiasmar-se. É transformar-se e modificar o meio, é deixar sua marca nos outros. É por isso que a criatividade autêntica é convidada a ser social” e faz parte da vida humana, social e ambiental, ao buscar mudar um contexto a partir do ser, do conhecer e do fazer, valorizando os elementos que estão no entorno desse contexto e considerando os aspectos intrínsecos e extrínsecos que influenciam nessa mudança.

No âmbito escolar, o aluno precisa ser conduzido a desvelar seu potencial criativo. Este se desenvolve a partir da interação com a própria comunidade escolar, provocando mudanças no meio, tornando-se, um processo que integrará essa comunidade aos objetivos de aprendizagem.

Nessas condições, consideremos que o aluno já chega à escola multiletrado, cabendo à escola proporcionar ao aluno enquanto ser social, acesso à cultura e ao exercício prático da linguagem.

4. Artefatos interativos, um caminho possível para o ensino criativo e crítico de LP

Para termos um panorama geral sobre o conteúdo dos 67 artefatos, apresentamos a síntese desenvolvida por Cruz (2019, p. 84), pela qual se tem os temas de maior representação no museu.

Quadro 1: Agrupamento por conteúdo.

Código	Quant.	Categoria	Código dos artefatos
1	32	Antropologia, etnografia e linguística.	03; 04; 06; 07; 08; 09; 10; 11; 12; 13; 17; 22; 23; 24; 25; 26; 27; 28; 34; 35; 36; 37; 38; 48; 54; 55; 56; 57; 58; 62; 63 e 65.
2	26	Ciências naturais e História natural.	02; 14; 15; 29; 30; 31; 32; 39; 40; 41; 42; 43; 44; 45; 46; 47; 49; 50; 51; 52; 53; 29; 60; 61; 64 e 66.
3	5	História	16; 18; 19; 20 e 21.
4	4	Museu do Marajó	01; 02; 05 e 67.
Total	67		

Fonte: Cruz (2019, p. 84).

Referente à temática analisada, os saberes estudados revelaram aspectos linguísticos e culturais das línguas indígenas, como: palavras de origem indígena, a toponímia, empréstimos das línguas indígenas, contato com a língua portuguesa, a história dos povos indígenas que habitaram o Marajó.

Explorar esse acervo indígena como forma de entender a contribuição das línguas indígenas para a língua que falamos hoje, assim como entender a própria história da formação do povo brasileiro é um exercício prático e crítico de linguagem. Desse modo, o aluno entenderá como o ensino da língua portuguesa, na variedade padrão, pode promover consciência e respeito às demais línguas existentes no território nacional. Aprofundando o conhecimento sobre a diversidade linguística existente na Amazônia.

Apresentamos a seguir dois exemplos de computadores integrantes do acervo do museu. Embora exista uma variedade de modelos com mecanismos de funcionamentos diferenciados, a interação é requisito para o jogo de descobertas. Os exemplos foram selecionados por apresentarem o multilinguismo como temática central.

Neste primeiro exemplo (à esquerda), *Você Fala Tupi*, trata-se de um painel em madeira, conformado por placas pequenas. Na parte superior consta uma palavra em tupi e ao ser levantada revela o significado da

expressão.

Figura 1: Fotografias de artefatos interativos.



Fonte: Cruz (2016).

No segundo exemplo, temos uma caixa suspensa em formato de cubo, em madeira e compensado, com placas em compensado, nas quais, as informações estão na parte interna e são mostradas mediante manipulação dessas placas.

Em todo acervo existem dezenas de artefatos com esta proposta de comunicação. Na qual a manipulação tátil conduz à informação, leva a produção do conhecimento que na perspectiva de (ALMEIDA, 2007) é o tratamento de informações.

Conhecimento é manipulação cognitiva, trabalho artesanal do pensamento, como se o pensamento tivesse mãos para dar forma ao que vemos, ouvimos, sentimos, tocamos, apreciamos. Essa manipulação das informações para construir conhecimento se assemelha ao trabalho do oleiro que, com suas mãos, dá forma ao barro que se torna pote, panela ou telha. (ALMEIDA, 2007, p. 7)

Toda essa manipulação requerida na interação com os artefatos integra uma técnica de comunicação propositiva, Gallo esclarece que

A técnica de comunicação parte da idéia de que o brasileiro tem os olhos na ponta dos dedos: sempre deve mexer nas coisas que observa. Em lugar de coibi-lo, achei mais interessante incentivá-lo a seguir esse estilo

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

nacional. Em miúdos, o Museu é um grande brinquedo. Quanto mais o visitante mexe com os painéis, mais novidades ele descobre, e isso através dos recursos que nós, numa forma não pretensiosa e sim brincalhona, definimos como computadores de marca caipira. (GALLO, 1996, p. 260)

Dessa forma, acredita-se que essa técnica desenvolvida no museu, estimula a interação, contribuindo para uma aprendizagem significativa. A linguagem presente nos artefatos considera o contexto social dos alunos, tornando-se o meio entre estes e o conhecimento. Como Freire (1959) preconiza, proporciona uma visão crítica da realidade e do conhecimento com respeito a história social e cultural do aluno.

5. Considerações

Abordar o Museu do Marajó, enquanto espaço para práticas de linguagem é interpretá-lo também, como espaço de relações entre os sujeitos, na pluralidade de suas vivências sociais e aprendizagens. Analisar o seu potencial, para além de atração turística, contribui para a promoção da inclusão do aluno no cotidiano marajoara, promovendo saberes e fortalecendo sua identidade cultural.

Este trabalho refletiu sobre ensino criativo e crítico de LP, capaz de promover transformações. Por meio da investigação de um exemplo vindo da Amazônia constatamos a presença do multilinguismo em questões referentes ao contato e a diversidade linguística inerentes ao território marajoara, constituintes da linguagem amazônica.

Esses artefatos interativos, embora estejam em um espaço de educação não formal, abordam uma temática que nem sempre é trabalhada na escola. Atuam de maneira complementar, em práticas de linguagem, e revelam caminhos possíveis para pensarmos o ensino a partir da escola, mas considerando os espaços socioculturais que a circundam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de; CENCIG, Paula Vanina. *A natureza me disse*. Francisco Lucas da Silva. Natal: Flecha do Tempo, 2007.

BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna*. Trad. de Denise Bottman. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

CRUZ, Nicélia. *Artefatos da cultura material marajoara em contexto de*

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tradução cultural no Museu do Marajó-PA. 2019. 179 f. Dissertação (Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia). Universidade Federal do Pará, Bragança, 2019.

CSIKSZENTMIHALYI, M. Criatividade, conceito e perspectivas. In: SUANNO, M.; RAJADELL PUIGGRÓS, N. (Org.). *Didática e formação de professores: perspectivas e inovações*. Goiânia: CEPED Publicações; PUC Goiás, 2012. Entrevista concedida a João Henrique Suanno.

FERRAZ, Aderlande. O Panorama linguístico Brasileiro: A coexistência de línguas minoritárias com o português. In: *Filol. linguística. port.*, n. 9, 2007. p. 43-73

FIORIN, José Luiz. Linguagem e Interdisciplinaridade. In: *Alae: Estudos Neolatinos*. Rio de Janeiro, V. 10, n. 1. Jan./Jun 2008. Disponível em <<https://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100003>>. Acesso em: 13 out 2019.

FREIRE, Paulo. *Educação e Atualidade Brasileira*. 1959. Tese de Concurso para a Cadeira de História e Educação. Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife, 1959. Disponível em <<http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/handle/7891/1976>>. Acesso em 16 jun 2018.

GALLO, Giovanni. *O homem que implodiu*. Belém: Secult, 1996.

LINHARES, Anna Maria Alves. *De caco a espetáculo: a produção cerâmica de Cachoeira do Arari (Ilha do Marajó-PA)*. 2007. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, 2007.

PENNYCOOK, Alastair. A Linguística aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: Signorini, Inês; Cavalcanti, Marilda. (Orgs). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 21-46

SANTOS, L.; OLIVEIRA, M.; PHILIPSEN, N.; BARBOSA, S. Pesquisa linguística na Amazônia brasileira: integrar para fortalecer. In: *Entreletras*, Araguaína-TO, V. 10, n. 1, jan/jun, p. 4-18, 2019. Disponível em <<https://doi.org/10.20873/uft.2179-3948.2019v10n1p4>>. Acesso em: 12 out 2019.

TORRE, S. de la. *Dialogando com a criatividade*. Trad. de Cristina Mendes Rodríguez. São Paulo: Madras, 2005.

WECHSLER, S. M. Criatividade, conceito e perspectivas. In: SUANNO,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

M.; RAJADELL PUIGGRÓS, N. (Org.). *Didática e formação de professores: perspectivas e inovações*. Goiânia: CEPED Publicações; PUC Goiás, 2012. Entrevista concedida a João Henrique Suanno.